

## APresentação

---

Joana Matos Frias  
Pedro Eiras

Em tempos recentes, *perversão* parece ter-se tornado um significante livre, conceito *sacer*, ao mesmo tempo temido e apetecido, impuro e sedutor. A palavra *perversão* atravessa os discursos que nos atravessam todos os dias, mesmo se não é certo que designe sempre os mesmos referentes e, sobretudo, os mesmos valores. Pelo contrário, implica cosmovisões de tal maneira diferentes que urge saber se *perversão* é uma palavra una e unívoca, ou se corresponde a uma amálgama de conceitos estranhamente conciliados. E nem é certo que, quando usamos a palavra, saibamos definir rigorosamente em que jogo de linguagem ela ganha sentido – ou quais sentidos.

Para começar a gizar alguns desses usos, lembraríamos aqui que se reactualiza no conceito de *perversão* uma leitura teológica, identificando o denominador comum do pecado ou a condição da existência num mundo marcado pela morte de Deus, entre Lutero, Dostoievski ou Nietzsche. A *perversão* confundir-se-ia com a condição da criatura caída, a própria existência no tempo, a dispersão das línguas. O conceito de perverso surge, assim, na estrita antítese e dependência de uma cosmovisão moral, mesmo se a condição do santo é atravessar a tentação e o pecado que, de algum modo, o devem constituir ou purgar.

Por outro lado, e num jogo de linguagem profundamente diferente, as artes não param de reivindicar um carácter perverso, por destruição de cânones. Para não recuar até às férteis iconoclastias de Sterne ou Diderot, lembraríamos apenas a emer-

>>

gência de vanguardas que, ao longo do século XX, fizeram da destruição de modelos o próprio gesto criativo. O escândalo, que por vezes parece ser a medida de sucesso da perversão, não deixou de acompanhar e vitalizar esses atentados aos costumes e à *doxa*: cada escândalo — pensemos por exemplo na revista *Orpheu* — foi calculado com régua e esquadro, não como *parergon*, mas como a própria obra. Certo é ainda que a ruptura se tornou tradição, segundo avisa Octavio Paz, e que a novidade só dura um instante, como lembra Roland Barthes. Resta saber de que modos pode a criação enquanto perversão permanecer, se estiver condenada ao eterno retorno de uma lâmina que deixa de cortar.

Numa terceira leitura do conceito de perversão, a psicanálise sistematiza os comportamentos perversos do indivíduo, enquanto patologia, estagnação no desenvolvimento libidinal, ou legítima fantasia. Objecto fascinante, a perversão faz divergir a evolução típica do complexo de Édipo, comprometendo a sua ultrapassagem: inventa então contra-narrativas patológicas. Ou então, reduz a possibilidade de narrativas a uma monomania, obsessão pobre e localizada, fixação da sexualidade num episódio ou objecto erótico, isolado do restante mundo. O romance familiar do neurótico estagna, no perverso, repetindo-se sem solução. Assim se castiga *ad æternum* uma mãe, em Sade, e um pai, em Sacher-Masoch.

*Perversão* parece admitir pelo menos estas três acepções. Seria necessário ainda avaliar instituições e linguagens: porque todas as instituições têm sido entendidas como perversas e, na perspectiva oposta, podem ser rotulados como perversos aqueles que ameaçam, contestam, minam as instituições. Pode-se até, como faz Herberto Helder em *Photomaton & Vox*, pedir a uma instituição uma bolsa para investigação em explosivos destinados a fazerem explodir as instituições que concedem bolsas.

Qualquer linguagem pode mentir, de boa ou má-fé; qualquer objecto pode ter um uso impróprio, qualquer gesto uma leitura ambígua, qualquer pessoa um segredo obsceno.

*Se tão contrária a si é a mesma perversão*, de que estamos realmente a falar, com tão livres significantes?

Parece ser perverso o que germina nas margens de qualquer sistema, per-vertendo-o, in-vertendo-o, sub-vertendo-o. Nesta perspectiva, a investigação e o conhecimento começam sempre por ser perversos. Todas as revoluções científicas, políticas, artísticas são necessariamente *per-ver-sas*, como é perverso o espaço comum que suscitam: lugar onde convivem Newton e Einstein, Marx, Lenine e Mussolini, Júlio Dantas e Almada Negreiros... Resta saber, porventura, que perversão pode existir fora do modelo da revolução. E, se cada novidade começa por ser perversa face a um sistema, resta ainda saber como se perde e desfaz a perversão do conhecimento de cada vez que um novo conteúdo é canonizado pela *doxa*. Resta, em suma, compreender a própria perversão à luz de uma dialéctica, e de uma inerente fragilidade. O mesmo é dizer: talvez não haja perversão em si, mas apenas usos perversos de determinadas representações do mundo, num certo espaço e num dado tempo. Seria uma lição dos sofistas e, claro, do Marquês de Sade. Talvez o relativismo, enfim, seja também perverso, ou até meta-perverso.

&gt;&gt;

Se a perversão desafia a *doxa*, eis-nos perante o paradoxo. De resto, se o século XX defendeu que todos temos direito à perversão (à heterodoxia, à reciclagem ecléctica pós-moderna de narrativas opostas), como entender a contradição nos termos que é uma perversão legitimada, ou uma perversão politicamente correcta? Para lá de um uso escandalizado da palavra *perversão*, que pode descrever o crime e aquilo a que comodamente chamamos inumanidade, “perversão” é também objecto de uma reivindicação jocosa, em tempos hedonistas. Todos os discursos da publicidade nos convidam quotidianamente a reivindicar uma perversão secreta, o desporto irónico de uma iconoclastia espectacular e nem sempre consequente. Já não só, como em Rimbaud, *É preciso ser absolutamente moderno*, mas também doravante, *Convém ser um bocadinho perverso*... E se há humor nessa reivindicação quase obsessiva, será preciso perguntar, com Freud, que impulsos recalcados encontram satisfação no império do perverso.

Não haverá uma perda insanável nesse livre acesso contemporâneo ao perverso, que o torna mercadoria *kitsch*? Ou representará o *kitsch* justamente o triunfo mais perverso da perversão no campo estético? E finalmente: se hoje a única perversão possível for recusar a perversão, se a dialéctica do legítimo e do ilegítimo perder o equilíbrio que a sustém em movimento, resta inventar novas possibilidades criativas do perverso — ou simplesmente abandonar esse caminho por demais trilhado?

10>11

Estas foram algumas das questões de partida do Colóquio Internacional e Interdisciplinar *Artes da Perversão*, organizado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 23 e 24 de Abril de 2009. Por tratar de um conceito que pede uma definição plural, este Colóquio acolheu comunicações sobre diversos ramos do saber, dos estudos literários aos estudos de cinema, teatro, artes plásticas, sem esquecer a psicanálise e a teologia. Este número de *Cadernos de Literatura Comparada* edita a maior parte das comunicações apresentadas, e reproduz ainda a discussão que teve lugar na última sessão do Colóquio, no âmbito de uma mesa-redonda de criadores, onde participaram os poetas Ana Luísa Amaral, José-Emílio Nelson e valter hugo mãe.

Desejamos reafirmar aqui o nosso agradecimento à Faculdade de Letras da Universidade do Porto pelo generoso acolhimento concedido ao Colóquio, e ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa pelo acolhimento científico. Agradecemos ainda os apoios da Reitoria da Universidade do Porto, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, das Edições Afrontamento, do estúdio de design Soochy, e do bar Trintaeum.

Porque privilegiámos uma abordagem interdisciplinar, o Colóquio incluiu ainda um ciclo de cinema em torno da ideia de perversão, que constituiu também uma homenagem ao realizador Saguenail. Na Livraria Leitura – Books & Living (dias 20 a 22) e nos Cinemas Medeia (dia 23), no Centro Comercial Cidade do Porto, foram projectados os filmes: *La Ricotta*, de Pier Paolo

Pasolini, e *A Imitação*, de Saguenaill; *O Gabinete do Doutor Caligari*, de Robert Wiene, e *Mau Dia*, de Saguenaill; *La Jetée*, de Chris Marker, e *Pas Perdus*, de Saguenaill; *Ma's Sin*, de Saguenaill, seguido de um debate público de encerramento do ciclo de cinema. Agradecemos de novo o acolhimento muito generoso da livraria Leitura, na pessoa de Dra. Teresa Castro, e dos cinemas Medeia, na pessoa do seu director, Dr. António Costa. Neste número dos *Cadernos de Literatura Comparada*, incluímos reproduções dos cartazes dos filmes de Saguenaill. A Saguenaill, Regina Guimarães, Amarante Abramovici e Tiago Afonso, agradecemos terem tornado possível, com a mais generosa dedicação, este ciclo de cinema. >>

Na mesma vontade de cruzar textos e diálogos, lembramos ainda que a Biblioteca da Faculdade de Letras, com o especial cuidado da Dra. Isabel Pereira Leite, organizou, no piso o, uma exposição de obras sobre perversão, aberta aos leitores da Biblioteca e aos visitantes em geral. Ao mesmo tempo, a Livraria da Faculdade, com o empenho do Sr. José Vasconcelos, preparou uma montra temática em torno dos mesmos conceitos. Voltamos a agradecer profundamente a iniciativa e todo o interesse da Biblioteca e da Livraria.

*Last but not least*, agradecemos o trabalho devotado, incansável, da Assistente de Investigação do Instituto de Literatura Comparada, Dra. Lurdes Gonçalves, e o apoio dos discentes Inês Castro e Pedro Almeida.

Para lá do dossier temático sobre o conceito e experiências de perversão, que reúne comunicações do Colóquio, completam este volume ensaios de Maria de Lurdes Sampaio (sobre novelas policiais e o drama estático *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa) e Márcia Lemos (sobre o tema da vingança no teatro de Shakespeare e no cinema de Tarantino), bem como uma revisão crítica de Ângela Sarmiento (à antologia poética brasileira *Pequena Morte*). <<